

REDESENHANDO A PALAVRA UMA SÉRIE DE FOTOGRAFIAS INTERVENCIONADAS NO CADERNO DE CAMPO

Guido A. Negrucci

RESUMO

Este artigo explora a interseção entre imagens e textos a partir do estudo das memórias coletivas em torno a uma lenda na Casa Bamba, Córdoba, Argentina. Com base em uma análise etnográfica e na releitura do caderno de campo, propõe-se uma reflexão sobre a representação visual na pesquisa antropológica. A partir da intervenção das fotografias com as escritas do diário, destaca-se o potencial das imagens como ferramenta de diálogo com a palavra escrita, gerando novas formas de pensar a etnografia.

PALAVRAS-CHAVE: memória coletiva; caderno de campo; Casa Bamba; colonialidade; resistência.

ABSTRACT

This article explores the intersection between images and texts through the study of collective memories surrounding a legend at Casa Bamba, Córdoba, Argentina. Based on an ethnographic analysis and a re-reading of the field notebook, it proposes a reflection on visual representation in anthropological research. Through the intervention of photographs with the writings from the journal, the potential of images as a tool for dialogue with written words is highlighted, generating new ways of thinking about ethnography.

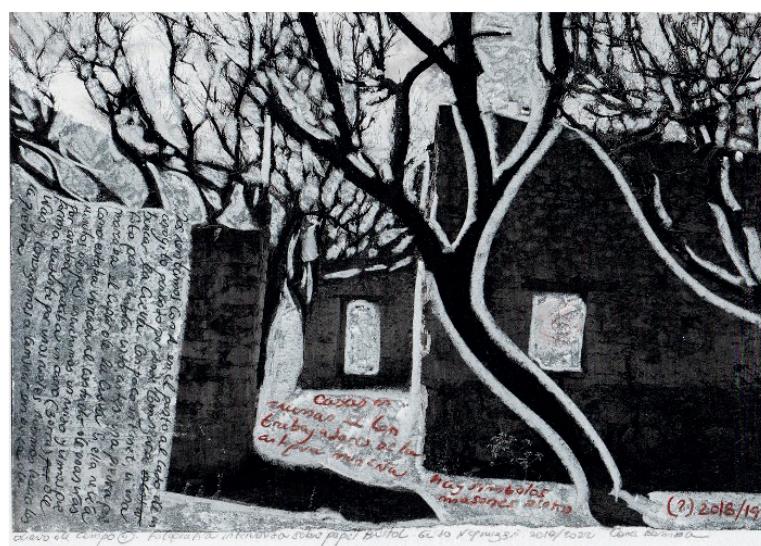
KEYWORDS: collective memory; field notebook; Casa Bamba; coloniality; resistance.

INTRODUÇÃO

A partir de uma proposta da exposição na cidade de Petrópolis no V Encontro Internacional sobre memórias sociais, políticas e coletivas, organizado pelo Núcleo de Memória Política da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (NUMEP-UNIRIO) em dezembro de 2022, comecei a reler o caderno de campo através das imagens. Nesta exibição, apresentei e projetei o livro *Um Diário de campo: trajetória de um estudo sobre memórias coletivas* que continha 34 fotografias intervençcionadas. O propósito baseou-se em reafirmar a importância das imagens, colocando as fotografias e os desenhos em diálogo com as palavras, o que movimentou uma forma diferente de pensar a etnografia, “uma nova forma de olhar o mundo” (Kuschnir, 2014,

p. 28). Desta forma, as imagens deixaram de funcionar apenas como reforço do texto, proporcionando uma perspectiva alternativa através do poder do diálogo entre as diferentes formas de produção. Nesta ocasião, exibo algumas dessas fotografias intervencionadas¹, descrevendo o percurso do trabalho de campo².

Figura 1 – Ruínas em Casa Bamba.



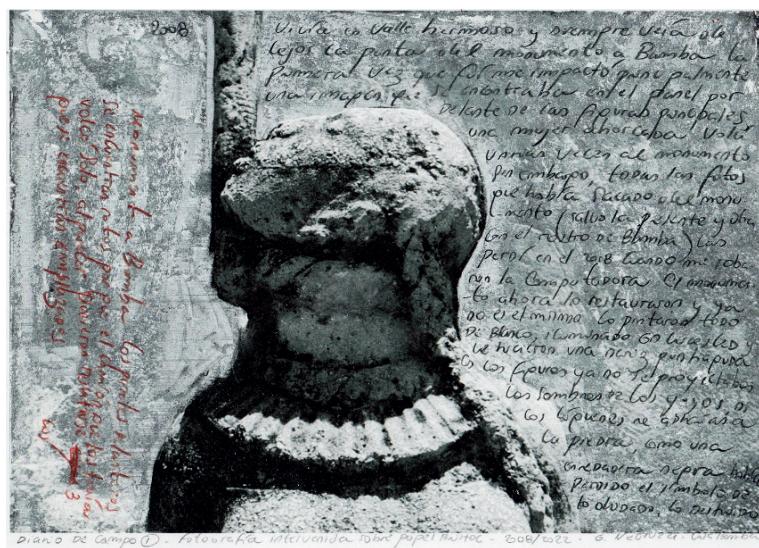
Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

¹ Fotos modificadas através de diversas técnicas.

² As reproduções aqui apresentadas, referem-se a pesquisa realizada na graduação em Antropologia da Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad Nacional de Córdoba, no âmbito das equipes: “Memoria e história oral”, com sede na Museo de Antropologías de Córdoba; e o “Equipo Interdisciplinario de Trabajo Territorial y Estudios Socioambientales: Casa Bamba” que, em coordenação com a comunidade, incluiu a participação da Facultad de Filosofía y Humanidades (FFyH), a Facultad de Ciencias Sociales (FCS), o Programa Ruralidades da Secretaria de Extensión e Programa de Derechos Humanos da FFyH da Universidad Nacional de Córdoba (UNC).

O TRABALHO DE CAMPO

Figura 2 – Parte do monumento da lenda do Bamba que representa uma mulher enforcada.



Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

No final de 2007, comecei a me interessar pelas várias narrativas em torno de uma história conhecida como a lenda de Bamba, que circula principalmente nos departamentos de Punilla e Colón, na província de Córdoba, Argentina. Bamba, o personagem principal desta lenda, é categorizado ao longo do tempo como “negro” (Bischoff, 2004; Herrera, 1933; Wauters, 1909), “mulato” (Gonzalez, 2019), “Zambo” (Fachini, 2015), “gaúcho mestiço” (Lacquaniti, 2021, p. 12), popularmente conhecido hoje em dia como “índio” (Navarro Cima, 2006). Habitualmente, e independentemente da sua designação, é apresentado como uma pessoa escravizada que raptava uma mulher “branca” e foge com ela para a serra em busca de refúgio, esse lugar é chamado Casa Bamba.

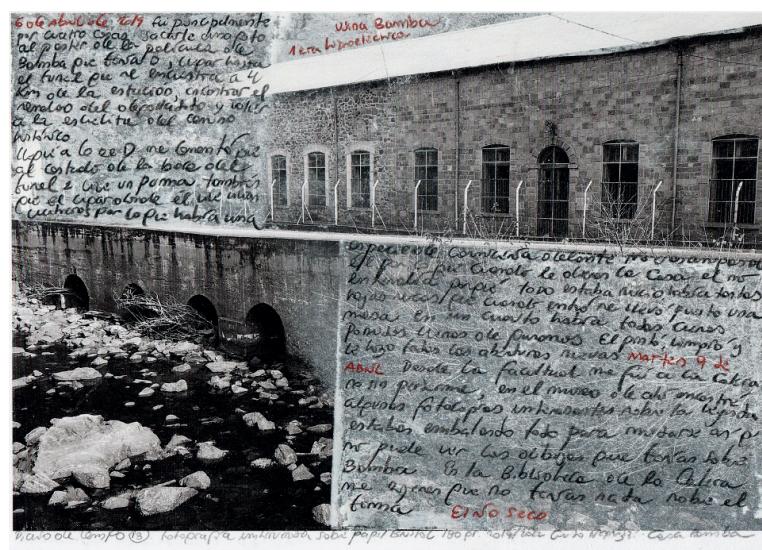
Consequentemente, me propus a estabelecer relações com os habitantes à procura de outra perspectiva sobre o relato, principalmente, agora que alguns conceitos relacionados com a lenda e a luta da comunidade, estão sendo contestadas por novos projetos turístico-gastronômicos do setor de mineração que as ressemantizam, esvaziando-as de seu conteúdo situado e subversivo.

Figura 3 – Casa de pedra.



Fonte: Fotografia interventionada no caderno de campo do autor, 2022.

Figura 4 – Usina hidroeléctrica Bamba.

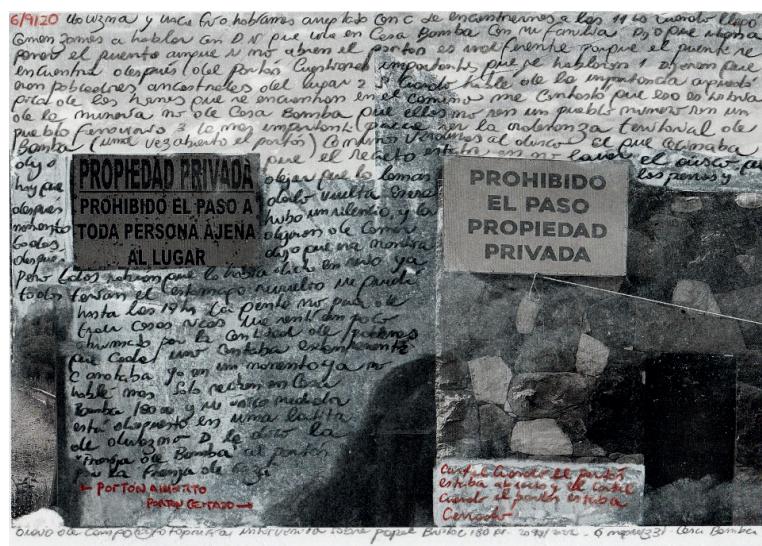


Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

Casa Bamba é uma localidade situada nas serras centrais da província de Córdoba, Argentina, atualmente habitada por cerca de 80 pessoas, localizada no departamento de Colón, a poucos quilómetros da cidade de La Calera. Contida por

um profundo barranco e pelo rio Suquía, entre curvas acentuadas e uma central eléctrica abandonada em meados do século passado, o seu nome deve-se a esta antiga lenda que ninguém na zona desconhece e que, embora a sua figura principal seja um fugitivo, não consegue escapar ao rumor geral.

Figura 5 – Sinalização antes e depois do encerramento definitivo do portão.



Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

Neste povoado, a lenda constitui um quadro de significados diferente para seus habitantes. Compõe um cenário social diverso de conversa, troca e discussão, onde se tecem relações diferenciadas que permitem habitar um espaço geográfico como território, onde a narração da lenda de Bamba como memória coletiva “lhes proporciona uma compreensão não convencional dos lugares onde vivem e de quem são” (De Viana, 2008, p. 160).

Figura 6 – Vista da estação do trem Casa Bamba.



Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

A preeminência da memória coletiva de Bamba como “índio”, nos dias de hoje, me levou a investigar as razões pelas quais Bamba é esquecido como “negro”, tentando reconstruir um caminho reflexivo a partir das teorias da colonialidade. A este respeito, o historiador Efraín Bischoff, no seu livro *Bamba: leyenda y realidad*, recupera testemunhos e documentos em que Bamba é chamado “negro”. O autor diz que “parece haver um pacto tácito, entre os que escreveram na época, de não falar sobre isso [...] um silêncio que ajuda a distorcer o acontecimento e a memória dos que nele participaram” (2004, p. 9). Mas este silêncio tem agência, pois integra “uma postura ativa de resposta” (Halpern; Valente, 2013, p. 64).

Figura 7 – Serras de Casa Bamba.



Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

É então que, partir da reflexão da categoria “negro”, ajuda a reconsiderar tempos, espaços e continuidades silenciadas. Neste sentido, a existência de espaços geralmente chamados de “quilombos” na Argentina é concebida como *impensável*, não pela falta de evidências de caráter material e imaterial sobre eles, mas porque as ferramentas para conceituá-los não existem: o que não se pode pensar “não se pode concebê-lo dentro do leque de alternativas possíveis [...] ele distorce todas as respostas ao desafiar os termos em que as perguntas são formuladas” (Trouillot, 2017, p. 69).

Por conseguinte, me pergunto se as formas usuais e populares de nomear os quilombos na Argentina (por exemplo “cueva”), tendem a retirar importância e valor social, econômico e histórico, a um local possivelmente ocupado no passado por um grupo de pessoas escravizadas fugidas.

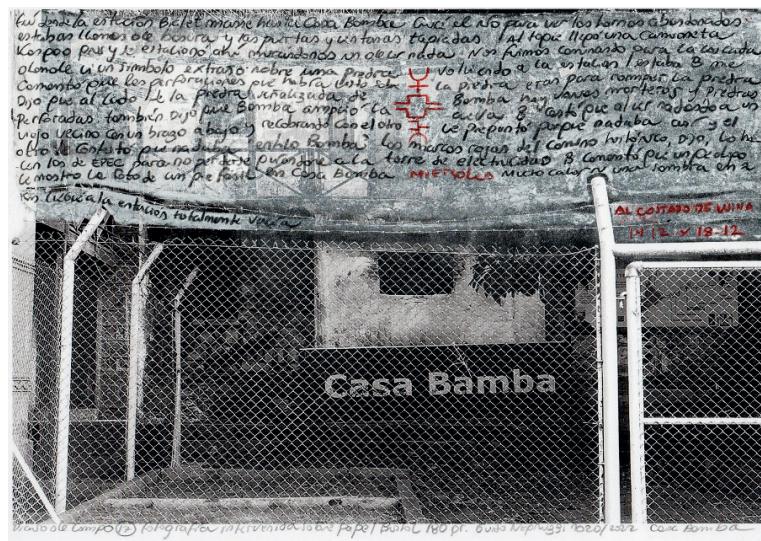
Figura 8 – Vista oposta da estação do trem Casa Bamba.



Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

Por outro lado, o ambiente que rodeia Casa Bamba, encerrada entre encostas íngremes, faz com que só exista uma entrada para o povoado. Esta entrada está situada em uma das extremidades da curva conhecida como “La Herradura”, na estreita estrada E-55. Desde 2019, o acesso ao local está fechado por um portão e vigiado por um segurança colocado pela empresa mineira Mogote Cortado, que planeja extrair agregados através da explosão de colinas dentro da Reserva Hídrica, Natural e Recreativa da Bamba. Essa empresa mineira privatizou a estrada “ancestral” de acesso a Casa Bamba, impedindo a livre circulação de pessoas, o que desencadeou um forte conflito com a comunidade, que se viu cercada e cujos direitos básicos foram violados, desenvolvendo uma série de reclamações e protestos judiciais e administrativos (Lacombe; Collo; Barberón; Negrucci, 2022). De acordo com essa situação, além de repensar Casa Bamba como um lugar de resistência no passado, procurei analisar etnograficamente as memórias em torno da lenda de Bamba no contexto dos atuais conflitos territoriais (Negrucci, 2022).

Figura 9 – Ruínas do lado da central elétrica.



Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

CONCLUSÃO

Estas reflexões foram construídas após um longo processo reflexivo, no qual parecia que o texto se projetava como representação fiel dos acontecimentos, porém, era na sua relação com as imagens em que, de maneira contundente, tudo se manifestava como presente. Assim, que na releitura e o redesenho do caderno de campo, foi onde consegui reconhecer a capacidade das imagens para comunicar e ampliar a própria compreensão das memórias coletivas. Percebi que esta abordagem estende as possibilidades de representação na etnografia, como também desafia as formas tradicionais de documentação e análise. Em suma, a utilização criativa da transversalidade entre as representações visuais e as palavras pode atuar como uma alternativa potente, proporcionando uma forma mais dinâmica e profunda de captar as complexidades das memórias.

Figura 10 – Acampamento sobre a rota E-55.



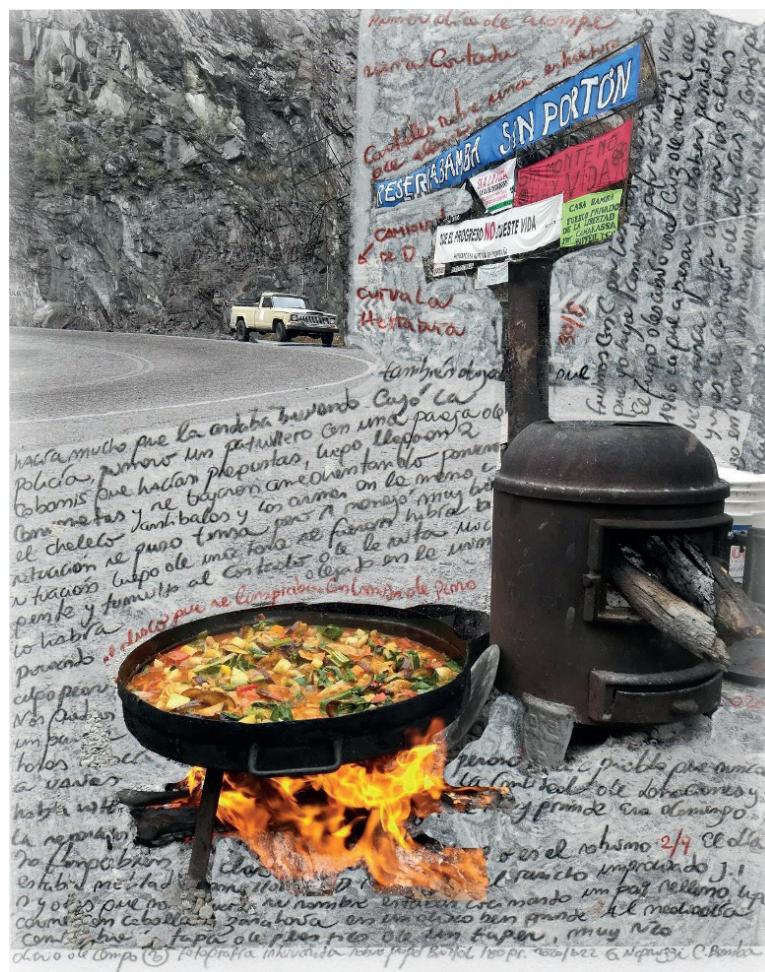
Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

Figura 11 – Refúgio.



Fontes: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

Figura 12 – Acampe.



Fonte: Fotografia intervencionada no caderno de campo do autor, 2022.

REFERÊNCIAS

BISCHOFF, Efraín U. *Bamba: leyenda y realidad*. Córdoba: Editorial Brujas, 2004.

DE VIANA, Luis Díaz González. Amantes que se desvanecen en el tiempo: la memoria etnográfica o la compleja significación de las leyendas. *Revista de Antropología Social*, Madrid, v. 17, p. 141-164, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=83813159007>. Acesso em: 15 jun. 2025.

FACHINI, Mirta. *El cóndor negro: un amor con alas*. Córdoba: El Emporio Ediciones, 2015.

GONZALEZ, Ricardo. *Indio Bamba: historia, mitos y leyendas*. Mayu Sumaj, Córdoba: Quo Vadis Ediciones, 2019.

HALPERN, Gabiela; VALENTE, Elena. *Lengua habla: los relatos orales en la sociedad letrada*. Buenos Aires: Cabiria, 2013. (Colección Catón).

HERRERA, Ataliva. *Bamba: poema de Córdoba colonial*. Buenos Aires: Edición del autor, 1933.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. *Cadernos de Arte e Antropologia*, v. 3, n. 2, p. 23-46, 2014.

LACQUANITI, Leandro Gustavo. El “gaucho criollo” y los debates sobre el canon literario. Los premios de la Comisión Nacional de Cultura en la década del treinta en Argentina (1935-1943). *Prohistoria*, Rosário, año 24, n. 36, 20121.

LACOMBE, Eliana; COLLO, Gilda; BARBERÓN, Mayra Peña; NEGRUZZI, Guido. *Informe interdisciplinario “Casa Bamba”*: vulneración de derechos y patrimonio histórico-cultural y natural en peligro. Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, Facultad de Filosofía y Humanidades, 2022. Disponível em: [https://sociales.unc.edu.ar/sites/default/files/InformeCasaBamba_Final%20\(1\)_compressed.pdf](https://sociales.unc.edu.ar/sites/default/files/InformeCasaBamba_Final%20(1)_compressed.pdf). Acesso em: 15 jun. 2025.

NAVARRO CIMA, Stella. *La presencia actual de “la leyenda del indio Bamba”*: estudio comparado de mitos y leyendas. Tese (Licenciatura em Letras) – UNC, Córdoba, Argentina, 1996.

NEGRUZZI, Guido. Casa Bamba: ancestralidade, resistência e memória coletiva em um povoado de Córdoba, Argentina. *Cadernos de Campo (São Paulo-1991)*, São Paulo, v. 31, n. 2, 2022.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando el pasado*: el poder y la producción de la historia. Granada: Editorial Comares, 2017.

WAUTERS, Carlos. *El negro Bamba en el cañón del Cadilla*: observaciones al dictamen de una comisión. Practicabilidad del dique de embalse proyectado. Buenos Aires: Imprenta de Coni hermanos, 1909.

SOBRE O AUTOR

Guido A. Negruzzi

Estudante de Especialização do Programa de Pós-Graduação em Arqueometria da Faculdade de Ciências Naturais e Museu da Universidade Nacional de La Plata/ FCNyM/UNLP. Licenciado em Antropologia pela FFyH/UNC.